



A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital, de Ivan Luiz Giacomelli. *Florinaópolis, Insular, 2012, 136p.*

Pelos caminhos da fotografia

By photograph ways

Maria Luisa Hoffmann*

Em uma viagem pela história da fotografia. É assim que se sente o leitor nas primeiras partes do texto de Ivan Luiz Giacomelli. Ao contrário de grande parte dos fotógrafos, que escreve sobre fotografia sem conhecer sua história, e indo além da maioria dos autores que partem da tomada da primeira imagem em 1826, Giacomelli volta ao século V antes de Cristo, quando os primeiros pensadores começaram a observar o comportamento e a propagação retilínea da luz e passaram a desenvolver estudos sobre a câmara escura.

Segundo o autor e suas fontes teóricas, em IV a.C. Aristóteles já observara que quanto menor fosse o orifício da câmara, mais nítida era a imagem. Na Idade Média, o conhecimento sobre as câmeras obscuras e seus conceitos ópticos já estavam difundidos entre eruditos nos países árabes, dentre eles Alhazen, que, segundo Hockney (*apud* GIACOMELLI, p.19), foi o primeiro a construí-la. A partir do século XVI, pensadores observaram que era possível melhorar a nitidez com a colocação de uma lente na entrada de luz, e posteriormente que a introdução de um espelho côncavo endireitava a imagem.

O autor segue descrevendo a evolução dos processos químicos da fotografia, culminando na formação da primeira imagem fotográfica em 1826, tomada por Joseph Niépce. A partir daí, traça as descobertas até a fixação da imagem, descreve a daguerreotipia e os impactos da invenção em diferentes localidades. O autor informa, na página 37, que apenas em Paris, em 1846, foram vendidas duas mil câmaras fotográficas e 500 mil placas.

* Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) sob orientação do Prof. Dr. Boris Kossoy. Docente do curso de graduação em Comunicação Social da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e do Curso de Especialização em Fotografia: *Práxis e Discurso Fotográfico* da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: maluhoffmann@yahoo.com.br

Na sequência, narra a descoberta isolada da fotografia no Brasil, em 1833, pelo francês Hercules Florence, citando suas descobertas e documentos que apontam a utilização, pela primeira vez, do termo *photographie*. Em ordem cronológica, segue apontando descobertas como a calotipia, a criação das *carte-de-visite*, as placas secas de gelatina até chegar ao desenvolvimento das câmaras da Kodak, que libertaram o fotógrafo da obrigação de conhecer os processos químicos de revelação, já que eles apertavam o botão e a empresa fazia o resto.

No segundo capítulo do livro, o autor apresenta um breve histórico da atividade e do surgimento das revistas ilustradas, começando no século XIX, quando as imagens tomadas eram desenhadas para serem impressas em jornais, contendo, porém, a indicação de que seriam gravuras feitas diretamente de fotografias, para maior credibilidade. Ele cita os principais fotojornalistas partindo de Roger Fenton, Mathew Brady e Timothy O'Sullivan, chegando a Erich Salomon, Robert Capa, Eugene Smith e Henri Cartier-Bresson.

Na terceira parte da publicação, quando escreve sobre o processo de evolução – e transição – da fotografia analógica para a digital, o ex-repórter fotográfico, hoje professor e pesquisador, comenta as primeiras descobertas que possibilitaram o desenvolvimento da imagem digital como o CCD (*Charge-Coupled Device*), em 1950, chegando ao CMOS (*Complementary Metal Oxide Semiconductor*), em 2000. Nesse momento, fala sobre o uso da imagem digital no fotojornalismo e adentra em questões como suas vantagens competitivas e recursos, baseando suas considerações em entrevistas realizadas com editores e fotojornalistas dos principais jornais do país.

Além da recuperação histórica da fotografia e do fotojornalismo no mundo e no Brasil, Giacomelli traz uma importante contribuição no último capítulo de seu livro: um estudo de caso sobre o processo de transição tecnológica e a digitalização da editoria de fotografia do jornal *Diário Catarinense*, do qual fez parte. O autor aponta, com o auxílio de quadros explicativos e números, a agilidade que a imagem digital

proporcionou à produção do diário, reduzindo o tempo necessário para a escolha das imagens e sua disposição nas páginas.

Resultado de sua dissertação de mestrado, concluída em 2000, o texto apresenta rigor científico, mas usa os verbos no tempo presente, o que confunde um pouco o leitor, principalmente quando fala que “atualmente” o sistema digital não está consolidado. Treze anos após a defesa da dissertação, o sistema digital não só está consolidado como apresenta grandes evoluções e menor custo.

O fato de tratar da evolução digital da imagem até o ano de 2000, e por isso aparentar obsolência, não ofusca a importância do levantamento e do estudo. Pelo contrário! O texto nos instiga a saber como se deu o processo a partir de então, como funciona hoje a editoria de fotografia do *Diário Catarinense* e o retrato atual da tecnologia digital no fotojornalismo brasileiro. E se “toda solução tende a ser um novo problema” (IASBECK, 2006, p.199), a continuidade do trabalho do pesquisador pode e deve instigar novos estudos e, quem sabe, novas teses e dissertações.

Como professora de introdução à fotografia, fiquei entusiasmada com o potencial didático do livro, que apresenta históricos sobre a fotografia e sobre o fotojornalismo, e que relaciona autores, dados e quadros que facilitam a compreensão da sucessão de acontecimentos e descobertas que resultaram em um dos produtos mais revolucionários da história.

Referências

IASBECK, Luiz Carlos A. Método semiótico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital**. Florianópolis: Insular, 2012.